


MONSTRUOSIDADE E SOCIEDADE: PENNY BLOODS E OS MEDOS VITORIANOS

MONSTROSITY AND SOCIETY: PENNY BLOODS AND VICTORIAN FEARS

Jefferson CANO*

 <https://orcid.org/0000-0002-1670-3419>
(UNICAMP)

Alanis Zambrini GONÇALVES**

 <https://orcid.org/0000-0002-8383-9893>
(UNICAMP)

Recebido em 30/06/2022. Aceito em 24/09/2022

Resumo: Este artigo pretende introduzir o gênero das *penny bloods*, a fim de compreendê-lo, como ele se desenvolveu, e a sua diferença em relação às *penny dreadfuls*. Além disso, este artigo discutirá como podem ser encontrados vestígios de medos vitorianos em exemplos deste gênero, concentrando-se principalmente em duas obras de ficção: *Varney, the Vampire; or the Feast of Blood* e *The String of Pearls*. Desta forma, pretende-se estudar estas obras do ponto de vista de diferentes preocupações que poderiam ser encontradas na Era Vitoriana, especialmente a superpopulação de cadáveres, a profanação da sacralidade do corpo morto e o medo da revolta popular.

Palavras-Chave: Penny bloods. Literatura Vitoriana. *Varney, the Vampire*. *Sweeney Todd*. Literatura Inglesa.

Abstract: This paper intends to introduce Victorian Penny Bloods, in order to understand the genre, how it developed, and its difference with Penny Dreadfuls. Furthermore, this paper will discuss how traces of Victorian fears can be found in examples of this genre, mainly focusing on two works of fiction: *Varney, the Vampire; or the Feast of Blood* and *The String of Pearls*. In this way, it intends to study these works from the point of view of different concerns that could be found amidst the Victorian Era, especially the overpopulation of dead bodies, the profanation of the corpse's sacredness and the fear of popular revolt.

Keywords: Penny Bloods. Victorian Literature. *Varney, the Vampire*. *Sweeney Todd*. English Literature.

* Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas e professor do Departamento de Teoria Literária da mesma universidade. E-mail: jcano@unicamp.br

** Mestranda em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: alanizambrini@hotmail.com

Introdução: o que são as penny bloods?

Ganhando pouco a pouco seu espaço na academia, a ficção barata para as massas que circulou na Inglaterra do século XIX é um fenômeno literário que possibilita diversos estudos e pesquisas, principalmente devido à popularidade deste tipo de ficção e a sua circulação ampla na época, que não só são um reflexo das mudanças ocorridas na sociedade inglesa, por meio da Revolução Industrial e da convulsão social provocada pela intensa urbanização, mas também um dos maiores fenômenos de circulação em massa da história de toda a Inglaterra.

Composto pelos mais diversos subgêneros, esse tipo de ficção que circulou na Londres do século XIX foi amplamente difundido e consumido, tanto por pessoas que vieram a ser grandes escritores da época, como Robert Louis Stevenson e Wilkie Collins, quanto por camadas populares residentes da cidade, compostas em sua maioria por operários ou trabalhadores autônomos. Neste artigo, propõe-se uma análise mais aprofundada especificamente das obras de ficção vulgarmente conhecidas como *penny bloods*, que possuíam características, conteúdo e público leitor próprios, sendo assim chamadas por suas edições custarem cada uma um *penny* (uma das moedas inglesas de menor valor da época) e por conterem histórias sangrentas e sobrenaturais, daí o nome popular de *blood*.

As *penny bloods* surgiram em Londres a partir de certas mudanças econômicas, como a redução do preço do papel e a invenção da prensa rotativa a vapor, que conferiam maior disponibilidade e velocidade ao processo de publicação de livros e folhetos, e de mudanças sociais, como o aumento da taxa de alfabetização nas classes mais baixas londrinas e uma maior utilização da leitura como forma de lazer, acrescentando o público trabalhador ao escopo editorial. As *penny bloods* foram popularizadas principalmente pelo editor Edward Lloyd (1815-1890), que contratava diversos escritores autônomos e publicava histórias periódicas sensacionalistas, voltadas para o público das camadas populares de Londres, através de seus jornais próprios, como o *Lloyd's Weekly London Newspaper*, (que chegou à impressionante circulação de 350.000 exemplares em 1863, como dito por Altick [1957]) e miscelâneas, como a *Lloyd's Penny Weekly Miscellany*.

Em um artigo intitulado *The Unknown Public*, feito em 1858 para o jornal *Household Words*, cujo dono era Charles Dickens, Wilkie Collins descreve detalhadamente sua descoberta das *penny bloods* e do público ao qual estas se destinavam, ou seja, as camadas populares londrinas, que passaram a contar com uma maior taxa de alfabetização, a partir de iniciativas governamentais, e com um maior incentivo da leitura como forma de entretenimento. Elas são descritas por Collins como “(...) um público desconhecido, um público a ser contado por milhões: o misterioso, o insondável, o universal público das *penny-novel journals*”. (COLLINS, 2022, *tradução nossa*)¹

Dito isso, Collins descreve:

Fiz a minha primeira aproximação delas ao caminhar por Londres, mais especialmente nos bairros de segunda e terceira classe. Em tais momentos, sempre que passava por uma pequena papelaria ou pequena tabacaria, tomava

¹ *Do original*: “(...) an Unknown Public; a public to be counted by millions; the mysterious, the unfathomable, the universal public of the penny-novel Journals.”

consciência, mecanicamente, de certas publicações que invariavelmente ocupavam as vitrines. Estas publicações aparentavam ser todas do mesmo tamanho de *quarto* pequeno, parecendo consistir apenas de algumas páginas soltas; cada uma delas tinha uma ilustração na metade superior da folha da frente, e uma quantidade de letras pequenas na parte de baixo. (COLLINS, 2022, tradução nossa)²

Com isso, as *penny bloods* podem ser caracterizadas por serem coleções de romances folhetins publicados semanalmente nos folhetos periódicos (também chamados de revistas ou jornais) descritos por Collins, que contavam com uma enorme simplicidade e economia, tanto na questão do material de que eram feitos, quanto com relação ao modo como sua publicação ocorria. Os capítulos dos romances eram ordenados em duas colunas por página, principalmente para economizar os gastos de páginas, e contavam com gravuras chamativas e sangrentas, para atrair o leitor. Além disso, a autoria era algo incerto em meio ao processo de publicação, circulação e leitura das *penny bloods*, pois a maioria dos romances eram publicados anonimamente ou contavam apenas com o nome de outras obras do autor, o que faz com que mesmo as *bloods* mais famosas tenham sua autoria discutida na academia. Ademais, muitas vezes confundidas com outro subgênero da ficção de massa inglesa, as *penny bloods* diferem das *penny dreadfuls* em relação à época em que circularam, às temáticas trabalhadas e ao público-alvo. Deste modo, enquanto as *penny dreadfuls* circularam amplamente a partir de 1860 e fizeram maior sucesso nesse período, as *penny bloods* tiveram seu auge a partir de 1835, perdendo seu espaço principalmente pela maior oportunidade de venda das *dreadfuls*, como nos diz Kileen:

Penny Bloods - um nome usado pela primeira vez como termo de ataque - eram séries baratas (de um *penny*) vendidas principalmente a um público bloqueado do mercado de romances por causa de seus preços e foram publicadas principalmente no início da metade do século XIX, sobretudo dedicadas a assuntos históricos e criminais. Eram escritas em estilo *staccato*, com frases curtas e parágrafos de uma só frase, e eram extraordinariamente repetitivas. As *Penny Dreadfuls* surgiram das *Bloods*, mas destinavam-se especificamente a um público juvenil e foram publicadas sobretudo na segunda metade do século. (KILEEN, 2012, p. 46, tradução nossa)³

Com isso, pode-se ver como ambos os subgêneros diferem, assumindo posições históricas diferentes e possuindo características de produção, conteúdo e circulação próprios. Desta maneira, as *penny bloods*, em sua grande maioria, contavam com uma influência direta de romances góticos do século XVIII, como *The Mysteries of Udolpho*, de Ann Radcliffe,

²*Do original* “I made my first approaches to it, in walking about London, more especially in the second and third rate neighbourhoods. At such times, whenever I passed a small stationer’s or small tobacconist’s shop, I became conscious mechanically as it were, of certain publications which invariably occupied the windows. These publications all appeared to be of the same small quarto size; they seemed to consist merely of a few unbound pages; each one of them had a picture on the upper half of the front leaf, and a quantity of small print on the under.”

³*Do original*: “Penny Bloods – a name first used as a term of attack – were cheap (one-penny) serials sold primarily to an audience locked out of the novel market because of price and were mostly published in the early half of the nineteenth century, chiefly on historical and criminal subjects. They were written in *staccato* style, with short sentences and single-sentence paragraphs, and were extraordinarily repetitious. Penny Dreadfuls emerged out of the Bloods, but were aimed specifically at a juvenile audience and were mostly published in the second half of the century.”

The Castle of Otranto, de Horace Walpole e *The Monk*, de Matthew Gregory Lewis, além do chamado *Newgate Calendar*, obra que listava e contava a história de vida dos condenados à execução pela prisão de Newgate.

Logo, as *penny bloods* apresentavam em seus enredos mistérios envolventes, personagens demoníacos, eventos sobrenaturais e uma narração melodramática, tendo como público-alvo pessoas das mais diferentes idades e classes sociais, apesar da grande maioria de seus leitores serem homens e mulheres das camadas populares londrinas. Já as *penny dreadfuls* eram voltadas unicamente para jovens e crianças, principalmente as que provinham de origem humilde e operária, contando com temas ligados à ficção de aventura, como piratas, ladrões de estradas (os famosos *highwaymen*) e criminosos, com uma narração que levava seus leitores a um certo tipo de empatia ou reconhecimento com o protagonista e que causava uma sensação de escapismo no ato da leitura.

Porém, ambas contavam também com algumas semelhanças, o que torna a definição desses gêneros algo difícil de ser feito. Desta maneira, as duas eram exemplos de romances folhetins, apresentavam ilustrações chamativas e sangrentas em suas capas, atraindo o público para suas histórias, tinham crimes e criminosos em suas narrativas e muitas vezes foram criticadas por seu caráter muito violento e por supostamente incitarem seu público aos atos descritos nas obras, principalmente porque surgiram para suprir uma demanda maior de conteúdo violento, após a diminuição das execuções públicas, que serviam como forma de entretenimento e espetáculo para as classes mais baixas.

Em meio ao que foi apresentado acima, duas *penny bloods* destacam-se em relação a sua popularidade, circulação e número de exemplares vendidos, sendo publicadas em livros, lidas pelo mais variado público e adaptadas para diversos tipos de mídia, como teatro. São elas *Varney, the Vampire or The Feast of Blood* e *The String of Pearls*, sendo que a autoria de ambas é discutida até hoje, pois alguns estudiosos atribuem estas obras a Thomas Peckett Prest (1810-1859), outros a James Malcolm Rymer (1814-1884) e até mesmo aos dois em conjunto.

Varney, the Vampire or The Feast of Blood foi publicado de 1845 a 1847 e traz a história de um vampiro, com o mesmo nome do título, que atormenta a família Bannerworth, principalmente a donzela dessa família, Flora. Além disso, a história também conta as desventuras de Varney por vários lugares e países, buscando esconder-se e casar-se com alguma donzela, ao mesmo tempo em que acaba por causar tormenta onde passa. No começo, Varney aparece como um ser mau e profano, mas depois essa concepção vai sendo posta em xeque pela construção do enredo e da personagem, em que descobrimos o sofrimento que esse tipo de existência causa em Varney, e como ele tem nojo de si mesmo por precisar recorrer ao consumo de sangue humano.

A outra obra importante em meio às *penny bloods* é *The String of Pearls*, que é mais conhecida atualmente por seu título alternativo *Sweeney Todd, the Demon Barber of Fleet Street*. Ela foi publicada em seu formato original em 1846 e, após seu sucesso, publicada novamente em formato de livro em 1850. A obra conta a história macabra de um barbeiro chamado Sweeney Todd, que mata diversos clientes de sua barbearia para roubar seus pertences e ficar rico, ao mesmo tempo em que tem um acordo com a Sra. Lovett, que utiliza os corpos dos clientes mortos por ele para fazer tortas de carne em sua loja. Desta maneira, o enredo conta com vários mistérios, como o desaparecimento de um colar de pérolas, que vão revelando ao leitor o negócio bizarro de Todd e Lovett.

Quebra da sacralidade representada pelo corpo morto

No século XIX, diferentes condições sociais e históricas contribuíram para um conflito entre a sacralidade conferida ao corpo humano e o problema sanitário decorrente da superpopulação de cadáveres na Inglaterra, especialmente em Londres. Segundo Crone (2010) e Powell (2004), o problema começa primeiramente a partir da combinação do crescimento urbano acelerado durante o começo do século XIX com uma elevada taxa de mortalidade. Isso fez com que houvesse uma superpopulação de cadáveres em Londres, já que tanto as propriedades das igrejas quanto as periferias da cidade, principalmente o *East End*, estavam lotadas de corpos mortos, havendo pouco espaço para enterrar demais cadáveres. Com isso, Crone (2010) nos informa que os coveiros começaram a mutilar partes dos corpos para que estes coubessem nos cemitérios, o que era reportado pela imprensa da época, enquanto os moradores do *East End*, que eram pessoas muito pobres, eram obrigados a conviver com cemitérios ao lado de suas casas, que carregavam um odor forte e desagradável dos mortos que lotavam esses lugares.

A partir disso, vemos um complexo problema sanitário que advém da superpopulação dos cemitérios, que fez com que a situação em Londres fosse preocupante. Porém, o que agravava ainda mais o problema era a sacralidade que se conferia ao corpo morto. Com essa relação sagrada com o cadáver e a superpopulação de corpos, o pânico da profanação dos túmulos se instaurou de maneira forte. Isso ocorre principalmente pelo procedimento adotado pelos coveiros para economizar espaço nos cemitérios, mas também pelo *Anatomy Act* de 1832, que fazia com que os corpos não reclamados de pessoas residentes de *workhouses*, hospitais ou prisões inglesas, fossem disponibilizados para aulas de anatomia, a fim de serem dissecados.

Essa lei irá afetar principalmente os pobres, cujos corpos geralmente ficavam não reclamados, principalmente os que vinham de *workhouses*, bem como será uma resposta ao intenso comércio ilegal de corpos que estava em voga na época, pela dificuldade de encontrar cadáveres para fins científicos, não sendo à toa que as *penny bloods* trarão consigo essa ansiedade. Com isso, o pânico relacionado à profanação do corpo morto será estabelecido, sobretudo por meio do *Anatomy Act* e pela condição de superpopulação de corpos, que gerava um medo em relação ao local onde esses corpos poderiam ficar e como eles poderiam ser enterrados apesar da falta de espaço.

É interessante observarmos que as *penny bloods* farão uso desse pânico para trazer medo e revolta moral ao leitor. Portanto, analisaremos neste tópico as narrativas *Varney, the Vampire, or the Feast of Blood* e *The String of Pearls*, e como essas obras trazem em seu cerne o tabu da profanação de corpos.

Começando por *Varney, the Vampire*, podemos ver a profanação causada pela multidão revoltosa, que é levada a livrar sua cidade de possíveis vampiros. Desta maneira, ao achar que certas pessoas eram vampiros, ela irá exumar o corpo de um açougueiro local, enfiar uma estaca no corpo morto de um homem que fora dono de uma taverna, e queimar o corpo de Marchdale, ao pensar que este seria um vampiro que poderia se reanimar com a luz da lua. É interessante notar que mesmo com a sanguinolência da multidão, há algumas pessoas que hesitam em cometer esses atos, principalmente por conta da imoralidade relacionada a estas ações, porém, apesar de sua hesitação, as pessoas levam a cabo essas ações monstruosas:

Esta foi uma sugestão terrível lançada entre uma multidão. Para ter capturado Sir Francis Varney e imolá-lo no santuário da fúria popular, eles não teriam recuado; mas uma profanação dos túmulos daqueles que tinham conhecido em vida era um assunto do qual, por mais que tivesse que recomendá-lo, até mesmo os mais ousados ficavam horrorizados e sentiam alguns escrúpulos de irresolução. Há muitas ideias, no entanto, que, como o primeiro mergulho em um banho frio, são bastante desconfortáveis no momento; mas que, em pouco tempo, nos familiarizamos tanto com elas, que elas se despojam de seus concomitantes desagradáveis, e parecem bastante agradáveis e naturais. Assim foi com esta noção de exumar os cadáveres daqueles habitantes da cidade que morreram recentemente do que foi chamado de decadência da natureza, e de outras falhas de vitalidade que não levaram o nome tangível de nenhuma doença compreendida. (PREST; RYMER, 2020, *tradução nossa*)⁴

Com isso, é possível ver como muitas pessoas ficam em dúvida na hora de cometer o ato, sobretudo por conta das noções de que a morte seria algo sagrado. Portanto, ao exumar o corpo, a multidão demonstra sua imoralidade e sua monstrosidade, já que transgride a noção moral em relação à sacralidade do corpo morto. Essa hesitação frente à imoralidade contida em tal ato também irá aparecer em uma cena em que a multidão está considerando enfiar uma estaca no antigo dono da taverna, já que acham que ele seria um vampiro, por seu corpo estar muito bem conservado e com um aspecto de vivente e bem nutrido. Assim, vemos novamente que as pessoas recuam frente à imoralidade do ato, mas, da mesma forma, como antes, o concluem:

Esta era uma proposta terrível; e mesmo aqueles que se manifestavam mais fortemente sobre o assunto, e tinham seus medos mais despertados, recuaram de levá-lo a efeito. Outros, mais uma vez, aplaudiram, embora tenham determinado, em suas próprias mentes, a manterem-se longe o suficiente da execução do trabalho, que eles esperavam que fosse delegada aos outros, para que pudessem ter toda a segurança de sentir que tal processo havia sido realizado com o suposto vampiro sem serem de forma alguma cometidos pelo ato terrível. (PREST; RYMER, 2020, *tradução nossa*)⁵

Inclusive, o narrador irá mostrar que tal ato é tido como bárbaro, mesmo na época em que se passa a narrativa, quando, segundo ele, a educação não era tão boa quanto a que estava sendo proposta no século XIX, parecendo-lhe surpreendente como as pessoas cometessem essa profanação contra um cadáver. Desta maneira, teremos mais uma vez o foco dado à malignidade

⁴*Do original*: “This was a terrific suggestion thrown amongst a mob. To have caught Sir Francis Varney and immolated him at the shrine of popular fury, they would not have shrunk from; but a desecration desecration of the graves of those whom they had known in life was a matter which, however much it had to recommend it, even the boldest stood aghast at, and felt some qualms of irresolution. There are many ideas, however, which, like the first plunge into a cold bath, are rather uncomfortable for the moment; but which, in a little time, we become so familiarized with, that they become stripped of their disagreeable concomitants, and appear quite pleasing and natural. So it was with this notion of exhuming the dead bodies of those townspeople who had recently died from what was called a decay of nature, and such other failures of vitality as bore not the tangible name of any understood disease.”

⁵*Do original*: “This was a terrific proposition; and even those who felt most strongly upon the subject, and had their fears most awakened, shrank from carrying it into effect. Others, again, applauded it, although they determined, in their own minds, to keep far enough off from the execution of the job, which they hoped would devolve upon others, so that they might have all the security of feeling feeling that such a process had been gone through with the supposed vampyre, without being in any way committed by the dreadful act.”

relacionada com esse ato, o que faz com que a multidão se torne uma figura monstruosa, figura essa que também será trabalhada em um tópico mais à frente. O ato é descrito da forma mais violenta possível, destacando a monstruosidade presente em tal profanação, o que deveria ser extremamente pavoroso para um leitor vitoriano, que tinha em si imbuído o pânico gerado pela possível profanação de corpos que ocorria em Londres. Com isso, a cena é mostrada de modo a chocar o leitor, que ficaria surpreendido pela depravação contida em tal ação:

Não podemos, pois nos revoltamos diante do ofício, descrever particularmente o terrível ultraje que foi cometido sobre o cadáver; basta dizer que dois ou três, enlouquecidos pela bebida e incitados pelos outros, mergulharam a estaca no corpo e lá a deixaram, um espetáculo doentio e horrível para qualquer um que pudesse lançar seus olhos sobre ela. Com tamanha violência tinha sido cometido o terrível e desumano ato, que o fundo do caixão foi perfurado pela estaca, de modo que o cadáver foi realmente pregado ao seu último leito terreno. (PREST; RYMER, 2020, *tradução nossa*)⁶

É interessante observarmos que o ato chega a ser descrito como um “ultraje contra toda decência comum”, explicitando a transgressão da moralidade vigente da época. Com isso, podemos perceber como a imoralidade é imbuída ao ato, bem como a violência extrema, de modo a fazer com que o leitor sinta pavor e choque ao deparar-se com tamanho rompimento das regras sociais da época. O narrador chega mesmo a falar sobre como as pessoas que compõem a multidão, se estivessem sozinhas, não teriam cometido tal ação, já que há uma noção social de respeito à seriedade da morte, dizendo que, inclusive, a pessoa é mais alvo de respeito quando está morta do que quando está viva:

É espantoso o que as pessoas farão nas multidões, em comparação com os atos que seriam capazes de cometer individualmente. Há geralmente uma calma, uma santidade, uma sublimidade sobre a morte, que induz irresistivelmente um respeito por sua presença, tanto dos educados quanto dos analfabetos; e seja o objeto da presença da destruidora quem ele possa ser, a própria consciência de que a morte o reivindicou para si mesmo, investe-o com uma auréola de respeito, que, na vida, o indivíduo provavelmente jamais poderia aspirar. (PREST; RYMER, 2020, *tradução nossa*)⁷

Além disso, uma das histórias sobre a origem de Varney conta que ele havia morrido no cadafalso após ser condenado como ladrão de estradas, cujo cadáver foi roubado pelo doutor Chillingworth, que fingiu ser parente do morto e fez um acordo com o carrasco para conseguir posse do corpo, já que, como diz o médico em meio à narrativa: “Naquele período, a dificuldade de conseguir um sujeito para a anatomia era muito grande, e todos os tipos de esquemas tinham

⁶*Do original*: “We cannot, for we revolt at the office, describe particularly the dreadful outrage which was committed upon the corpse; suffice it that two or three, maddened by drink, and incited by the others, plunged the hedge-stake through the body, and there left it, a sickening and horrible spectacle to any one who might cast his eyes upon it.”

⁷*Do original*: “It is astonishing what people will do in crowds, in comparison with the acts that they would be able to commit individually. There is usually a calmness, a sanctity, a sublimity about death, which irresistibly induces a respect for its presence, alike from the educated or from the illiterate; and let the object of the fell-destroyer’s presence be whom it may, the very consciousness that death has claimed it for its own, invests it with a halo of respect, that, in life, the individual could never aspire to probably.”

de ser colocados em ação para realizar um propósito tão desejável e, de fato, absolutamente necessário.” (PREST; RYMER, 2020, *tradução nossa*)⁸

Com isso, o cadáver de Varney é usado para um experimento de galvanismo, que muito ecoa *Frankenstein*, sendo seu corpo morto profanado para servir a um propósito científico egoísta de Chillingworth. A partir disso, o vampiro teria iniciado sua existência sobrenatural, que o faria ser diferente dos outros seres humanos comuns, já que ele teria sido revivido após ter sido morto.

Assim, podemos ver como o tema da profanação de corpos aparece em *Varney, the Vampire* como uma coisa negativa e imoral, havendo vários episódios de atos contra cadáveres sendo encontrados no romance, de modo a utilizar o pânico envolto na sacralidade do corpo morto para assustar e chocar o leitor.

Passando para *The String of Pearls*, temos a profanação de corpos não só como imoral, mas também como levada ao extremo: a um tabu. Isso acontece nessa obra principalmente pelo fato de que os cadáveres dos homens mortos por Todd são usados para fazer tortas de carne, que são consumidas avidamente pelo público da loja da Sra. Lovett. Em vista disso, o corpo morto não só é profanado, como também é transformado em um objeto de canibalismo, o que dá um tom de tabu à obra, já que esta relaciona a profanação e o canibalismo como ocorrendo ao mesmo tempo.

Desta maneira, como notado por Crone (2010), Sweeney Todd será considerado como imoral e tabu principalmente por fazer com que os cadáveres se tornem uma mercadoria valiosa, dando um fim prático ao problema sanitário da superpopulação de corpos mortos, já que ele utilizaria tais corpos como elementos em uma fábrica, em que se tem uma produção contínua e automatizada de tortas de carne humana, que faz com que os mortos tenham uma utilidade monetária e prática, ou seja, que monetiza os cadáveres:

Mutilações de cadáveres por coveiros e por Sweeney Todd se chocaram inequivocamente com ideias e crenças populares sobre a morte e o corpo. Como foi percebido que existia um forte laço entre o corpo e a alma por um período de tempo indefinido após a morte, a preservação e a totalidade do cadáver eram de suma importância na preparação dos mortos para sua viagem para o próximo mundo e para a vida nele. No entanto, onde os coveiros descartaram inadequadamente as partes do corpo que cortaram, Sweeney Todd transformou suas vítimas em uma commodity valiosa. A máquina de assassinato de Todd e a linha de produção de torta de Lovett poderia, portanto, ser considerada como uma solução macabra para o número crescente de mortos na cidade. (CRONE, 2010, p. 75, *tradução nossa*)⁹

⁸*Do original*: “At that period, the difficulty of getting a subject for anatomization was very great, and all sorts of schemes had to be put into requisition to accomplish so desirable, and, indeed, absolutely necessary a purpose.”

⁹*Do original*: “Mutilations of corpses by gravediggers and by Sweeney Todd clashed unambiguously with popular ideas and beliefs about death and the body. As a strong tie was perceived to exist between the body and the soul for an undefined period of time after death, the preservation and totality of the corpse were of Paramount importance in preparing the dead for their journey into, and life in, the next world. However, where the gravediggers inadequately disposed of the body parts they chopped up, Sweeney Todd turned his victims into a valuable commodity. Todd’s murder machine and Lovett’s pie production line could, therefore, be regarded as a macabre solution to the mounting number of dead in the city.”

Essa preocupação está ligada principalmente à questão da relação entre o deslocamento do cadáver e a comercialização violenta que ocorria no ambiente urbano. A partir disso, Powell (2004) irá nos dizer que as *penny bloods*, estando *The String of Pearls* incluso em meio a elas, explicitam uma ansiedade ligada ao comércio e à economia agressivos, que traziam consigo uma monetização e a transformação do corpo em uma *commodity*, o que ia diretamente contra a visão do corpo como coisa sagrada e santificada. Isso está em consonância com a preocupação em relação à posição do corpo trazida nas *penny bloods*, frente ao pânico vitoriano sobre a situação dos cadáveres no espaço e na economia urbana, como nos diz Powell:

Narrativas nas quais os corpos são “queimados”, desenterrados, comercializados e dissecados estavam inteiramente de acordo com a missão sensacionalista da *penny blood* e regularmente apresentadas em suas páginas. Tais ficções proporcionavam ao escritor um escopo completo para dramatizar e explorar o horror corpóreo do cadáver para a titilação do leitor comum. No entanto, elas também são sugestivas de uma expressão de profunda ansiedade, mais simplesmente relacionada com a santidade do cadáver diante da demanda criada pelo anatomista, mas também relacionada com a percepção crescente de que a santidade do eu é ameaçada pelas forças comerciais agressivas geradas pela cidade industrial. (POWELL, 2004, p. 46, *tradução nossa*)¹⁰

Com isso, Sweeney Todd é a figura que explicita esse conflito direto entre economia/comércio e sacralidade do cadáver, já que com suas tortas de carne ele mostra uma produção cobiçosa frente a pessoas que as comem avidamente, ou seja, que são compradoras fervorosas do produto em questão. Deste modo, os consumidores não se importam nem se questionam sobre a origem da carne que as constitui, ficando apenas felizes com a tecnologia moderna de produção que lhes permite usufruir de várias tortas que são colocadas no balcão ao mesmo tempo e que são vendidas a um preço acessível, como nos diz Powell (2004). Podemos ver essa agitação dos clientes em vários trechos da obra, que falam do sucesso que as tortas faziam entre seus consumidores, como é possível ver na seguinte cena:

Agora o Bell-yard está quase tumultuado, e um estranho se perguntaria qual poderia ser o problema, e muito provavelmente ficaria de pé em alguma porta até que a agitação terminasse. É um incêndio? É uma luta? ou qualquer outra coisa suficientemente alarmante e extraordinária para excitar os membros juniores da profissão jurídica para tal espécie de loucura? Não, não é nada disso, nem há uma causa fatal a ser enfrentada, o que, nas mãos de algum praticante inteligente, pode se tornar um grande interesse. Não, o prazer é puramente de caráter físico, e todo o ritmo e correria - toda esta agitação e

¹⁰ *Do original*: “Narratives in which bodies are “burked”, scavenged, disinterred, traded and dissected were entirely in keeping with the penny blood’s sensationalist mission and regularly featured in its pages. Such fictions afforded the writer full scope to dramatize and exploit the corporeal horror of the cadaver for the titillation of the common reader. Yet they are also suggestive of an expression of profound social anxiety, most simply to do with the sanctity of the corpse in the face of the demand created by the anatomist, but also related to the growing perception that the sanctity of selfhood is threatened by the aggressive commercial forces generated by the industrial city.”

problemas - todo este empurrar, sacudir, rir e gritar, é para ver quem chegará primeiro à loja de tortas da Lovett. (RYMER; 2015, p. 438, *tradução nossa*)¹¹

Podemos inclusive ver como o narrador, antes de nos revelar ao final da história que as tortas são feitas de carne humana, descreve-as de uma maneira extremamente provocante, de modo a fazer com que pensemos que elas eram deliciosas e atrativas, fazendo com que nós mesmos sejamos como os consumidores ávidos de tais alimentos, querendo saborear uma das tortas que parecem ser tão apetitosas e saborosas, ou seja, nos fazendo cair na armadilha de Todd e Lovett, já que pela descrição jamais iríamos desconfiar da procedência da carne de que elas são feitas:

E bem mereciam sua reputação, aquelas tortas deliciosas; havia nelas um sabor nunca superado, e raramente igualado; a massa era da mais delicada construção, e impregnada com o aroma de um delicioso molho que desafia a descrição. Então as pequenas porções de carne que continham eram tão tenras, e a gordura e a carne magra tão misturadas artisticamente, que comer uma das tortas da Lovett era uma provocação tão grande para comer outra, que muitas pessoas que vinham almoçar ficavam para jantar, desperdiçando mais de uma hora, talvez, de tempo precioso, e pondo em perigo - quem sabe do contrário? - o sucesso de algum processo judicial. (RYMER, 2015, p. 438-439, *tradução nossa*)¹²

Além disso, podemos ver a mundanização do corpo morto, como é possível observar pelas cenas em que a igreja de St. Dunstan apresenta um cheiro ruim muito forte, fazendo com que as autoridades do local, e mesmo bispos, se mobilizem para tentar achar a fonte de tal odor, bem como para fazer com que o cheiro pare, já que ele estava empestando o bairro inteiro, além da igreja. Depois, iremos descobrir que esse cheiro vem do resto dos cadáveres que não podia ser utilizado na fabricação das tortas, como as cabeças e ossos, que foi jogado em um túnel embaixo da igreja. Logo, vemos o corpo morto em sua corporalidade física, isso é, com odores ruins de sua decomposição fazendo com que as pessoas não consigam mais viver seu cotidiano normalmente em meio ao cheiro dos corpos, bem como à disposição do cadáver em um local inapropriado para ele, longe de ser enterrado dignamente.

É interessante notar que até mesmo isso mostra a sagacidade explicitada no método de Todd e Lovett, já que no processo industrial que é feito por eles, as partes que não podem ser usadas para compor o produto principal são descartadas, enquanto as partes que são utilizáveis acabam sendo usadas para a feitura das tortas, por um processo totalmente mecanizado. Isso

¹¹ *Do original*: “Now Bell-yard is almost choked up, and a stranger would wonder what could be the matter, and most probably stand in some doorway until the commotion was over. Is it a fire? is it a fight? or anything else sufficiently alarming and extraordinary to excite the junior members of the legal profession to such a species of madness? No, it is none of these, nor is there a fat cause to be run for, which, in the hands of some clever practitioner, might become quite a vested interest. No, the enjoyment is purely one of a physical character, and all the pacing and racing--all this turmoil and trouble--all this pushing, jostling, laughing, and shouting, is to see who will get first to Lovett’s pie-shop.”

¹² *Do original*: “And well did they deserve their reputation, those delicious pies; there was about them a flavour never surpassed, and rarely equalled; the paste was of the most delicate construction, and impregnated with the aroma of a delicious gravy that defies description. Then the small portions of meat which they contained were so tender, and the fat and the lean so artistically mixed up, that to eat one of Lovett’s pies was such a provocative to eat another, that many persons who came to lunch stayed to dine, wasting more than an hour, perhaps, of precious time, and endangering--who knows to the contrary? - the success of some lawsuit thereby.”

nos apresenta a relação entre a produção industrial moderna ocorrida no espaço urbano da Era Vitoriana, frente às mudanças trazidas pela Revolução Industrial, e a monetização do cadáver.

Com isso, é possível observarmos que tanto *Varney, the Vampire* como *The String of Pearls* utilizam-se do pânico relacionado à quebra da sacralidade do corpo morto e do deslocamento do cadáver de seu espaço original, uma tendência que pode ser percebida nas *penny bloods* principalmente por utilizarem-se das ansiedades presentes nas classes mais baixas sobre a maneira como seus corpos iriam ser tratados ou utilizados depois de sua morte. Em suma, ambos os romances mostram a imoralidade presente no ato da profanação dos corpos, no caso de *Varney*, em que a multidão é o monstro imoral e no caso de *Sweeney Todd*, em que a imoralidade se transforma em tabu, bem como se relaciona com a economia predatória e a monetização presentes no espaço urbano da Era Vitoriana.

O terror da revolta popular

Desde o século XVIII a multidão vinha tomando um espaço importante na política e na sociedade da Inglaterra, com motins tomando conta do país, que também recebeu influência direta da Revolução Francesa e das diversas demandas populares surgidas na França. Neste século, temos variadas revoltas trazidas a partir da reivindicação de alimentos, contra o aumento dos preços da comida e contra a fome que permeava o país. Além disso, temos também o Ludismo, com revoltas operárias em que os funcionários das fábricas quebravam as máquinas de modo a reivindicar melhores condições de trabalho para os operários e salários maiores, já que, mesmo com o enorme lucro gerado pela atividade fabril, o salário dos trabalhadores era extremamente pequeno, o que prejudicava sua condição de vida em meio ao cenário urbano de miséria e pobreza que os englobava.

A partir do século XIX, o movimento que mais vai chamar a atenção da Inglaterra e que nos interessa especialmente nesta pesquisa é o Cartismo. Surgido em 1838 e difundido até 1848, esse movimento operário radical continha como base diversas demandas em meio ao cenário político inglês, tais como o sufrágio universal masculino, o voto secreto, o cancelamento da qualificação de propriedade, a igualdade entre distritos eleitorais, eleição anual, jornadas de trabalho de 10 horas, melhora das condições de trabalho, dentre outras mais. O movimento teve sua base mais bem estabelecida a partir do lançamento da Carta do Povo, escrita por William Lovett e Francis Place, que nada mais era do que um documento em que se explicitavam as bases do movimento e suas demandas principais. Um de seus traços mais marcantes é, sem dúvida, a diversidade social de seus membros e líderes, bem como sua capacidade de causar revoltas em níveis nacionais ou regionais. Logo, como nos diz Rudé:

O Cartismo, portanto, significou coisas diferentes para homens diferentes: para alguns, o direito de votar; para outros, o fim dos odiados albergues da Nova Lei dos Pobres, o dia de trabalho de 10 horas, “um salário justo para um dia de trabalho justo”, ou, simplesmente, mais comida para estômagos vazios. Era natural, portanto, que operasse em diferentes níveis, tendo manifestações tanto nacionais como regionais ou paroquiais, que podiam fundir-se ou sobrepor-se, podiam estar separadas tanto no tempo como no espaço ou podiam correr em

linhas paralelas e, embora com uma fidelidade comum à Carta, podiam parecer destituídas de qualquer ligação entre si. (RUDÉ, 1991, p. 197)

É a partir dos movimentos revoltosos da população inglesa a começar do século XVIII, mas principalmente com a ascensão do Cartismo, que surgirá o medo da revolta popular, representada pela figura da multidão, bem como sua caracterização como sendo algo maldoso, feito por canalhas, vagabundos e ignorantes. Deste modo, podemos ver como a multidão figurará como um elemento ruim dentre as diversas classes da sociedade inglesa, que condenam qualquer forma de revolta popular.

O medo da multidão advinha principalmente do temor em relação às consequências de uma revolta, como queima de casas, tumulto ou depredação, mas também de um confronto físico entre a multidão e os oficiais da lei, que tentariam parar os revoltosos para evitar danos ao patrimônio ou possíveis agressões. Isso ocorrerá em relação ao Cartismo porque o movimento começa a englobar certos radicais, que passaram a se armar e a organizar revoltas armadas, como a ocorrida no Hotel Westgate, em Monmouthshire a comando do líder radical John Frost, em que os revoltosos buscavam tomar a cidade para levantar uma campanha nacional do movimento. Houve um confronto com soldados armados mandados para estabelecer a ordem e as consequências foram sangrentas, resultando em mortes e ferimentos.

Esse medo da multidão pode ser relacionado também à ideia de urbanidade, principalmente quando pensamos na cidade como organismo monstruoso, que traz consigo o conflito, a miséria e a pobreza. Com isso, a urbanidade será vista de uma nova forma a partir de movimentos como o Cartismo, que era tido por muitos como insano, principalmente por conta dos conflitos sociais trazidos por eles, de modo a contradizer a dominância exercida pela burguesia e pela aristocracia. Ao mesmo tempo, o movimento apontava para situações sociais que as pessoas das classes mais altas queriam ignorar, como a intensa desigualdade social e a superpopulação em bairros pobres de Londres, que reuniam os operários, também testemunhas da monstruosidade presente na maquinaria trazida pela Revolução Industrial. Logo, o temor referente à multidão advém justamente da ideia de conflito presente no cerne da urbanidade, que reflete a miséria e a pobreza que ocorrem dentro de seus limites, transformando o medo da revolução popular também em um medo da própria urbanidade. Deste modo, como nos fala Bresciani:

A perplexidade perante as grandes concentrações humanas, num momento em que a população urbana da Inglaterra tendia a ultrapassar rapidamente a rural, e o operariado fabril se organizava em movimentos de confronto aberto com as classes dominantes, fez com que os centros urbanos se tornassem pontos de referência para a representação da sociedade. A cidade iria configurar a imagem reduzida do problemático macrocosmo social: presença assustadora e ao mesmo tempo fascinante por sua variedade e por tornar acessível um recorte em algo inabarcável. O medo e o fascínio orientam uma atitude exploratória que fará da cidade um observatório extenso, mas com limites delineados. (BRESCIANI, 1985, p. 60)

Em meio a isso, o que nos interessa neste artigo é o uso que as *penny bloods*, nesse caso especificamente *Varney, the Vampire; or the Feast of Blood*, farão em relação a esse medo da multidão a partir de temas referentes à revolta popular, buscando compreender como esse

romance lida com essa questão, como a multidão é representada em seu meio e como a monstruosidade aparece frente a esse tema, de maneira a entender como o contexto social da ascensão do Cartismo pode se relacionar com o modo como a multidão é tratada no romance analisado.

Primeiramente, uma das coisas que podemos perceber em *Varney, the Vampire* é como a multidão é descrita de modo monstruoso e imoral, já que ela faz coisas que seriam consideradas desviantes da moralidade comum ao início da Era Vitoriana. Assim sendo, dentre outros atos, a multidão profana três corpos mortos, quebrando seu princípio de sacralidade, conforme explicado anteriormente. Além disso, em sua sede por matar o vampiro, a multidão coloca fogo na casa de Varney, tenta incendiar em Bannerworth Hall e assassina um homem por achar que ele era um vampiro.

Deste modo, a multidão é uma personagem do romance que pode ser considerada um monstro moral tanto quanto Varney, talvez até mais, pelo fato de o perseguir e fazer qualquer coisa para livrar a cidade da presença e da influência do vampiro. É possível notar que a multidão, desta forma, é livre de qualquer escrúpulo moral que fique em seu caminho. Com isso, é interessante observar que a figura monstruosa da multidão apenas toma forma a partir de seu medo de um monstro, que se explicita na pessoa de Varney. Além disso, é importante notar que o efeito de vermos a violência da multidão acaba por nos fazer ver como seu modo de revolta é perturbador e ineficiente, sendo descrita de modo vampírico, como diz Boone:

Varney afasta os leitores da agitação excessiva e do fascínio pela violência, demonizando a multidão como vampírica e expondo sua impotência, quando fixada na violência, como uma falta de mobilidade intelectual e física que desqualifica os membros da multidão da cidadania inglesa. Viciosamente “caçado por aqueles que tinham sede de seu sangue” (VV 375), até Varney descreve a multidão em termos vampíricos como “um espírito maligno” (VV 310) cujo “gosto” pela destruição “causou o apetite por mais” (VV 373). O vampirismo aqui não é (como no *Drácula* de Bram Stoker) a força aristocrática estrangeira que ataca a classe média inglesa. O vampirismo é, ao invés disso, a condição de mortos-vivos políticos dos trabalhadores que adotaram um meio ineficaz de agitação. (BOONE, 2004, p. 56, *tradução nossa*)¹³

Porém, apesar disso, o narrador mostra a hesitação apresentada em meio à multidão em relação às suas ações imorais, apesar de que, no final, essas ações acabam sendo feitas de qualquer modo, após a multidão pensar que para se livrarem dos vampiros na cidade precisariam deixar de lado suas noções morais:

Uma espécie de ferocidade selvagem parecia agora ter se apoderado da multidão, e o povo, ao se decidir a fazer algo que contrariava todas as suas noções preconcebidas de certo e errado, parecia sentir que era necessário, para

¹³ *Do original*: “*Varney* directs readers away from excessive agitation and fascination with violence by demonizing the mob as itself vampiric and by exposing its powerlessness, when fixated on violence, as a lack of both intellectual and physical mobility that disqualifies members of the mob from English citizenship. Viciously ‘hunted by those who thirsted for his blood’ (VV 375), even *Varney* describes the mob in vampiric terms—as ‘an evil spirit’ (VV 310) whose ‘taste’ for destruction ‘has caused the appetite for more’ (VV 373). Vampirism here is not (as in Bram Stoker’s *Dracula*) the foreign aristocratic force that assaults the English middle classes. Vampirism is instead the politically undead condition of laborers who have adopted an ineffective means of agitation.”

que fossem consistentes, livrar-se de muitas das decências da vida, e tornar-se desordeiro e imprudente. (PREST; RYMER, 2020, *tradução nossa*)¹⁴

Outro ponto interessante a ser notado é a cena em que a multidão furiosa caminha até a mansão de Varney e a invade, tendo uma batalha contra os serviçais da casa, que a estavam guardando com armas nas mãos. Após esse conflito, a multidão consegue entrada na casa e passa a procurar pelo vampiro por toda a propriedade, sendo que vão até a adega de Varney e lá várias pessoas se embebedam com os vinhos encontrados no local. Essa não é a primeira vez em que a multidão é composta por pessoas bêbadas, já que quando a turba durante cenas antes invade uma taverna para checar o corpo do antigo taverneiro, muitas das pessoas aproveitam para beber em tal lugar, sendo que o conflito com os soldados que tentam estabelecer a paz é feito justamente porque os bêbados tinham mais coragem, e, por isso, não tinham medo das consequências de um ataque direto dos policiais.

Essa questão é importante porque, como trazido no livro de Rudé (1991) sobre a multidão na história, houve um episódio relacionado à revolta dos oleiros, mineiros e metalúrgicos de Staffordshire, em meio ao movimento do Cartismo, que levaram um motim a diversas cidades, em que armas foram roubadas, prisioneiros foram soltos, arquivos policiais foram destruídos e as casas de magistrados, párocos, coletores de impostos e donos de minas foram incendiadas. O caso é interessante porque a defesa de tal revolta baseou-se no relato de que a multidão era composta por pessoas bêbadas, que haviam encontrado uísque na adega de uma das casas que iriam queimar e, como estavam quase morrendo de inanição, a bebida os intoxicou de tal forma que os fez agir do modo como agiram.

Não é possível provar que o episódio da multidão bêbada na casa de Varney tenha sido baseado nesse evento, mas as semelhanças são indiscutíveis, principalmente porque ambos apresentam incêndios de mansões importantes, bem como o achado de bebida alcóolica em meio à adega de uma das casas, culminando na intoxicação de vários dos integrantes da multidão. Isso também reflete a noção de que a multidão é composta por membros vagabundos, sedentos por destruição, ou seja, uma visão de que a multidão é uma “ralé”, compartilhada por muitos dos ingleses, que viam as revoltas como bárbaras e com intuito apenas de destruir e de tumultuar, cujas pessoas eram ignorantes ao extremo.

Além disso, tem-se a ideia de que quando a multidão é formada, as pessoas deixam de lado sua moralidade principalmente por conta de sua identidade ser anonimizada, o que faz com que atos que nem seriam pensados pudessem ser cometidos sem qualquer restrição moral. Em *Varney, the Vampire* temos a descrição negativa da multidão como sendo algo selvagem, cujos integrantes são pessoas que se aproveitam dessa anonimidade trazida em meio à revolta para desviar da moral vigente:

Este foi o procedimento de uma multidão, e lamentamos muito dizer, que isto é muito característico das multidões inglesas. Uma coisa estranha e incomum é que pessoas em multidões parecem se livrar completamente de toda razão - toda honra - toda honestidade comum ordinária; enquanto que, se você

¹⁴*Do original*: “A species of savage ferocity now appeared to have seized upon the crowd, and the people, in making up their minds to do something which was strikingly at variance with all their preconceived notions of right and wrong, appeared to feel that it was necessary, in order that they might be consistent, to cast off many of the decencies of life, and to become riotous and reckless.”

tomassem as mesmas pessoas individualmente, você descobriria que elas eram razoáveis o suficiente, e se encolheriam com um sentimento bastante próximo ao horror de qualquer coisa sob a forma de injustiça flagrante. Isto só pode ser contabilizado por um fragmento de covardia na raça humana, que os induz quando sozinhos, e agindo com a plena responsabilidade de suas ações, a se encolherem do que é bastante evidente que eles têm total inclinação para fazer, e o farão quando, tendo perdido parcialmente sua individualidade em uma multidão, eles imaginam, que até certo ponto podem fazê-lo com impunidade. (PREST; RYMER, 2020, *tradução nossa*)¹⁵

Aqui, vê-se uma comparação direta feita pelo narrador entre a multidão do romance e o procedimento das multidões existentes nos movimentos revoltosos, como o Cartismo, que ocorriam na Inglaterra, mostrando como a conduta dessas multidões é errada e sem escrúpulos morais. Ademais, é possível ver a perda da individualidade decorrente da multidão, coisa que também gera medo na mente vitoriana, principalmente por conta do descrito pelo trecho acima, que é o modo como as pessoas agem monstruosamente e desonrosamente quando estão camufladas em meio a uma multidão. É interessante notar que essa anonimização na multidão também pode ser comparada com a turba urbana, em que as pessoas perdem suas individualidades frente à grande massa populacional decorrente do crescimento urbano acelerado e da falta de espaço contemplada em diversos bairros, sobretudo os de classes mais baixas, levando a uma superpopulação. Logo, em meio à cidade, as pessoas também poderiam deixar de lado seus escrúpulos morais, já que estariam disfarçadas em meio à turba de pessoas no contexto urbano, daí o enfoque encontrado em obras de literatura do início do século XIX sobre crimes, principalmente assassinatos, já que estes poderiam passar despercebidos frente à massa populacional, uma vez que o perpetrador de tais atos poderia facilmente se esconder em meio à multidão urbana.

Além disso, em *Varney, the Vampire* também podemos ver que o foco são pessoas honrosas, boas e pacíficas antes de comporem a multidão, o que faz com que seja dado um realce às transformações negativas ocorridas em meio ao processo de revolta popular, já que este faria com que as pessoas tivessem comportamentos negativos e pouco civis. Por conseguinte, vemos como a cidade em que ocorreu a revolta era composta por pessoas pacíficas, calmas e industriais, que foram corrompidas pela superstição e pelas paixões que as levaram a se revoltar:

Todo o caso foi uma grande surpresa para Henry e seus amigos, quando viram tal sequência de pessoas avançando, com tantos gritos e imprecisões, eles não podiam, pela vida deles, imaginar o que poderia ter excitado tal resultado entre os habitantes ordinariamente industriais e pacíficos de uma cidade, notável

¹⁵ *Do original*: “This was a mob’s proceeding all over, and we regret very much to say, that it is very much the characteristic of English mobs. What an uncommonly strange thing it is that people in multitudes seem completely to get rid of all reason—all honour—all common ordinary honesty; while, if you were to take the same people singly, you would find that they were reasonable enough, and would shrink with a feeling quite approaching to horror from anything in the shape of very flagrant injustice. This can only be accounted for by a piece of cowardice in the human race, which induces them when alone, and acting with the full responsibility of their actions, to shrink from what it is quite evident they have a full inclination to do, and will do when, having partially lost their individuality in a crowd, they fancy, that to a certain extent they can do so with impunity.”

mais pela quietude e firmeza de sua população, do que por quaisquer surtos violentos de sentimento popular. (PREST; RYMER, 2020, *tradução nossa*)¹⁶

Também é importante observarmos que as paixões aparecem ligadas ao comportamento monstruoso da multidão e servindo de combustível à revolta. Deste modo, podemos ver nesse trecho que as paixões aparecem no exterior físico dos componentes da multidão, sendo que eles estavam prontos para qualquer tipo de combate ou luta, já que levavam consigo armas de diversos tipos e estavam sendo comandados por sua raiva contra o vampiro:

Cada indivíduo que compunha aquela multidão carregava alguma arma calculada para a defesa, tais como bastões, foices, foices menores, porretes, etc., e este modo de se armar fez com que eles tivessem uma aparência formidável; enquanto a paixão que a superstição tinha despertado era fortemente retratada em suas características inflamadas. Sua fúria, também, havia sido excitada pela decepção, e foi com raiva concentrada que eles agora continuaram. (PREST; RYMER, 2020, *tradução nossa*)¹⁷

Essa questão das paixões é interessante em meio à moralidade vigente no começo da Era Vitoriana frente a certas ciências, como a Frenologia e a Fisionomia (que depois foram desacreditadas), que falavam sobre o modo como essas paixões, que nada mais eram do que sentimentos exacerbados, seriam ruins para se levar uma vida produtiva e civil. Em meio a isso, tem-se a ideia de *moral management*, em que a responsabilidade moral deveria ser trabalhada por cada indivíduo de forma a levarem uma vida moralmente boa. Além disso, nesta cena, e em algumas outras mais à frente, os próprios membros da família Bannerworth, apesar de seu ódio por Varney (inclusive sendo abordados pela multidão quando Henry, o irmão mais velho de Flora, estava duelando com Varney), ao verem-no sendo perseguido pela turba desejam que ele consiga escapar de suas garras. Eles, inclusive dão asilo ao vampiro em sua casa quando tal multidão o persegue até perto de sua moradia, escondendo-o no quarto de Flora, mesmo com a indiscrição de tal ato, já que o quarto de uma donzela era algo que deveria ser tido com um certo decoro. Desta forma, podemos ver que a multidão acaba sendo mais monstruosa do que o próprio monstro em questão, levando a família que sofreu com seus ataques e planos maquiavélicos a ter piedade do vampiro por sua perseguição incansável pela multidão.

Outro aspecto interessante é a origem da multidão nessa história, já que ela se forma a partir da fofoca, que será comprovada com o desenrolar da narrativa, feita pela esposa do Dr. Chillingworth sobre os acontecimentos que estavam ocorrendo em Bannerworth Hall, bem como sobre a suspeita dos membros dessa família de que o ataque feito a Flora Bannerworth foi um ato violento causado por um vampiro, que teria se alimentado do sangue da donzela, fazendo várias tentativas de atacá-la novamente em outras oportunidades fora sua primeira investida. Por

¹⁶ *Do original*: “The whole affair was a great surprise to Henry and his friends, when they saw such a string of people advancing, with such shouts and imprecations; they could not, for the life of them, imagine what could have excited such a turn out among the ordinarily industrious and quiet inhabitants of a town, remarkable rather for the quietude and steadiness of its population, than for any violent outbreaks of popular feeling.”

¹⁷ *Do original*: “Every individual composing that mob carried some weapon calculated for defence, such as flails, scythes, sickles, bludgeons, &c., and this mode of arming caused them to wear a most formidable appearance; while the passion that superstition had called up was strongly depicted in their inflamed features. Their fury, too, had been excited by their disappointment, and it was with concentrated rage that they now pressed onward.”

consequente, a fofoca sobre os males que estão acometendo esta família se espalha, e o medo de que haja um vampiro na cidade em que são residentes faz com que os moradores desse lugar, principalmente pessoas comuns, formem uma multidão sedente de sangue, que está disposta a fazer de tudo para que a segurança e a tranquilidade imperem novamente.

Ao colocar a multidão como alguém que se reúne por meio de uma fofoca nos faz pensar que essa cena talvez fosse uma sátira de como as revoltas populares tomavam corpo na Inglaterra durante a época do movimento cartista, principalmente ao pensarmos a força que havia na imprensa ligado ao Cartismo nesse momento. Neste caso, ela não só fazia propaganda do movimento e falava de suas principais demandas, mas também incentivava os trabalhadores e outras pessoas de classes mais baixas a entrarem para o movimento e contribuírem com as revoltas para somar uma força maior, que faria mais pressão no Parlamento para que as demandas exigidas pelos integrantes fossem atendidas.

Além disso, a história também satiriza as exigências feitas pela multidão, como aparece em uma conversa entre duas pessoas, em que uma delas fala que se a multidão tivesse conseguido obter a lua iria querer as estrelas também. Isso dá a entender que a turba nunca estaria satisfeita, mesmo se conseguisse atingir o fim que espera obter a partir da eliminação do vampiro na cidade.

Desta maneira, é possível vermos como o medo da revolta popular, representada pela figura da multidão, é usado em meio à obra para causar um efeito de monstruosidade da multidão. Com isso, esse medo da revolta, que é utilizado como base para a monstruosidade trabalhada em *Varney, the Vampire*, está muito ligada à condição social e política da época, já que as revoltas estavam cada vez mais ganhando espaço em meio aos acontecimentos diários da época, ainda mais com movimentos sociais que pareciam revolucionários, como o Cartismo.

Referências

ALTICK, R. D. **The English Common Reader: A social history of the mass reading public, 1800 – 1900.** Chicago: The University of Chicago: 1915.

BRESCIANI, M. S. M. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRESCIANI, M. S. M. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**, v. 5, n. 8/9, p. 35-68, 1984.

COLLINS, W. The Unknown Public. In: DICKENS, Charles. **Household Words.** Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 30 jun. 2022.

CRONE, R. From Sawney Beane to Sweeney Todd: Murder machines in the mid-nineteenth century metropolis. **Cultural and Social History**, v. 7, n. 1, p. 59-85, 2010.

CRONE, R. **Violent Victorians: Popular entertainment in nineteenth-century London.** Manchester: Manchester University Press, 2016. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/>. Acesso em: 30 jun. 2022. (Edição Kindle).

JACOBS, E. Bloods in the street: London street culture, “industrial literacy,” and the emergence of mass culture in Victorian England. **Nineteenth-Century Contexts: An Interdisciplinary Journal**, v. 18, n. 04, p. 321-347, 2008.

JAMES, L. **Fiction for the working man 1830-50**: a study of the literature produced for the working classes in early Victorian urban England. Harmondsworth: Penguin, 1974.

JEHA, J. Monstros como metáfora do mal. In: JEHA, J. **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMS, 2007. cap. 1, p. 9-31.

KILLEEN, J. Victorian Gothic Pulp Fiction. In: HUGHES, W.; SMITH, A. **The Victorian Gothic: An Edinburgh Companion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012. cap. 3, p. 43-56.

LANGTON, J. Urban growth and economic change: from the late seventeenth century to 1841. In: CLARK, P. **The Cambridge Urban History of Britain**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. cap. 14, p. 451-490.

MANDAL, A. Gothic fiction, from shilling shockers to penny bloods. In: TOWNSHEND, D.; WRIGHT, A.; SPOONER, C. **The Cambridge History of the Gothic**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. cap. 2.6, p. 139-161.

PREST, T. P.; RYMER, J. M. **Varney, the vampire** (vol. 1-3), 2020. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/>. Acesso em: 30 jun. 2022. (Edição Kindle).

POWELL, S. Black Markets and Cadaverous Pies: The Corpse, Urban Trade and Industrial Consumption in the Penny Blood. In: MAUNDER, A. **Victorian crime, madness and sensation**. Abington: Routledge, 2004, cap. 3, p. 45-58.

RUDÉ, G. **A Multidão na História** – Estudo dos Movimentos Populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

RYMER, J.M. The String of Pearls or, Sweeney Todd, The Demon Barber of Fleet-Street. In: DZIEMIANOWICZ, S. **Penny Dreadfuls: Sensational Tales of Terror**. New York: Fall River Press, 2015, p. 415-664.

TURNER, E. S. **Boys Will Be Boys: The Story of Sweeney Todd, Deadwood Dick, Sexton Blake, Billy Bunter, Dick Barton Et Al**. Faber & Faber Limited, 2012. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/>. Acesso em: 30 jun. 2022. (Edição Kindle).